CORRELAÇÃO ENTRE FASES DE ALFABETIZAÇÃO SEGUNDO ABORDAGEM CONSTRUTIVISTA E IDADES DE ESCOLARES INICIAIS

Meire Aparecida Judai, Maria Salete Vaceli Quintilio, Ana Carolina Oliveira Lima

Universidade do Oeste Paulista – UNOESTE, Presidente Prudente-SP
Correspondência para: Meire Aparecida Judai – meirejudai@unoeste.br

RESUMO

Segundo a abordagem construtivista, para ter sentido, a alfabetização deve ocorrer num processo interativo, sempre permeada pelo contexto da criança e a realidade em que vive. Deve-se trabalhar com histórias e com intervenções das próprias crianças e que no momento da emissão gráfica podem aglutinar, inserir, omitir letras ou palavras, desde que façam algum sentido para elas. Em virtude de a abordagem construtivista ser adotada pela maioria das escolas e pelo grande número de alunos com dificuldades de aprendizagem que são atendidos em clínicas fonoaudiológicas, o presente estudo teve por objetivo observar as fases de alfabetização de crianças do 1º ano do Ensino Fundamental e verificar os níveis de alfabetização em escolas pública e privada do município de Presidente Prudente – SP. A amostra constituiu-se em 41 crianças, sendo 15 na escola privada e 26 na escola pública, com idade entre 5 e 6 anos. O método aplicado foi um ditado de palavras, de onde resultou a classificação em Níveis de alfabetização de acordo com Ferreiro e Taberosky (1999). A Escola Privada teve média no Nível 4 (silábico), enquanto que a Escola Pública ficou entre os Níveis 2 e 3 (silábico e silábico-alfabético), em média. Portanto, pode-se inferir que a Escola Privada teve um melhor rendimento, considerando-se os níveis de alfabetização e o período de observação da amostra estudada, e que as crianças dessa escola apresentam um desempenho para a aprendizagem da leitura e da escrita melhor que as crianças da Escola Pública avaliada.

Palavras-chave: Leitura e Escrita; Fases de alfabetização; Construtivismo.

CORRELATION BETWEEN PHASES OF LITERACY ACCORDING THE CONSTRUCTIVIST APPROACH AND THE EARLY SCHOOL AGES

ABSTRACT

According to the Constructivist school, to have a meaning, the literacy must occur in an interactive process, always followed by the children context and the reality they live. Stories and children´s interventions must be worked, and during the graphic moment, letters or words could agglutinate, be inserted, missed out, since they make some sense to them. Because the constructivist approach is adopted by most of the schools, and the large number of students with difficulties in learning that are treated in the speech therapist clinics, the present study had as objective to observe the steps in the literacy of 1st Elementary school year, and verify the literacy levels in public and private schools in Presidente Prudente - SP, Brazil. The samples were made by 41 children, 15 from private school and 26 from public school, between 5 and 6 years old. The used method was a dictation of words, which resulted in the Literacy Levels Classification. The Private School had the Level 4 grade (syllabic), while the Public School was between the Level 2 and 3 (syllabic-alphabetic and syllabic), on average. Therefore, it can be inferred that the private school had a better performance, considering the levels of literacy and the observation period of the sample, and that the children of this school have a performance for learning reading and writing rather than the Public School children evaluated.

Keywords: Reading and Writing; Literacy Phases; Constructivism.

INTRODUÇÃO

O professor é quem permeia a interação da criança com a aprendizagem da leitura e da escrita, porém, segundo a abordagem construtivista, é a própria criança quem vai construindo sua escrita, elaborando hipóteses, com tentativas assertivas durante a aprendizagem para a construção da sua própria escrita, sem interferência direta do professor.

Pelas hipóteses e erros a escrita vai se afirmando e tornando-se uma prática reflexiva sobre a sua forma, representatividade mental e significado de cada palavra codificada, levando á efetividade da sua construção, contribuindo para a formação do léxico mental.

Diante da realidade das escolas públicas, uma vez que os alunos não experienciam a reprovação até a 4ª série, e dos inúmeros casos de dificuldade de aprendizagem escolar nesse período, deve-se enfatizar a questão do método alfabetizador, como etiologia ou não das dificuldades escolares.

Segundo Soares (1998), a alfabetização:

> ... é o processo pelo qual se adquire o domínio de um código e das habilidades de utilizá-lo para ler e escrever, ou seja: o domínio da tecnologia, técnicas para exercer a arte e ciência da escrita. A alfabetização é um processo no qual o indivíduo assimila o aprendizado do alfabeto e a sua utilização como código de comunicação. Esse processo não se deve resumir apenas na aquisição dessas habilidades mecânicas (codificação e decodificação) do ato de ler, mas na capacidade de interpretar, compreender, criticar e produzir conhecimento. A alfabetização envolve também o desenvolvimento de novas formas de compreensão e uso da linguagem de uma maneira geral.

Freire e Macedo (1990) propõem a alfabetização como “a relação entre o educando e o mundo, mediada pela prática transformadora deste mundo”. A linguagem escrita é fruto de esforço coletivo e tem um significado social: possibilita ao sujeito ampliar seu conhecimento do mundo e do tempo em que está inserido. Portanto, a relação entre escrita e significado é essencial. Não há possibilidade de alfabetização sem relação escrita/mundo, escrita/contexto.

Sob a concepção interacionista, representada pelos cognitivistas Piaget e Vygotsky, “o conhecimento ocorre em um processo de interação entre sujeito e objeto de conhecimento, entre um indivíduo e seu meio físico e social” (BARBOSA, 2005).

Para Vygotsky, o aprendizado da escrita é um processo complexo que é

iniciado para criança “muito antes da primeira vez que o professor coloca um lápis em sua mão e mostra como formar letras”. (VYGOTSKY, 1988, p.143).

Nesse contexto, a linguagem escrita, caracteriza-se como um sistema de símbolos e signos, denominado por Vygotsky como simbolismos de segunda ordem, pois a criança passa antes pelos simbolismos de primeira ordem que são o gesto, o brinquedo, o desenho e a fala.

A língua escrita é um sistema de relações dos processos de ler e escrever. Na aprendizagem destes processos, a criança percorre longo caminho, passando por estágios evolutivos de elaboração, descritos por Ferreiro e Teberosky (1999).

As teorias desenvolvidas por Emilia Ferreiro e seus colaboradores deixam de fundamentar-se em concepções mecanicistas sobre o processo de alfabetização, para seguir os pressupostos construtivistas/interacionistas de Vygotsky e Piaget. Do ato de ensinar, o processo desloca-se para o ato de aprender por meio da construção de um conhecimento que é realizado pelo educando, que passa a ser visto como um agente e não como um ser passivo que recebe e absorve o que lhe é "ensinado”. Na perspectiva dos trabalhos desenvolvidos por Ferreira, os conceitos de prontidão, imaturidade, habilidades motoras e perceptuais, deixam de ter sentido isoladamente como costumam ser trabalhados pelos professores. Estimular aspectos motores, cognitivos e afetivos é importante, mas, vinculado ao contexto da realidade sociocultural dos alunos (FERREIRO, 2001).

Para Ferreiro e Teberosky (1999) a perspectiva construtivista considera a interação de todos os aspectos citados, numa visão política e integral, para explicar a aprendizagem. O problema que tanto atormenta os professores, que são os dos diferentes níveis em que normalmente os alunos se encontram e vão se desenvolvendo durante o processo de alfabetização, assume importante papel, já que a interação entre eles é fator de suma importância para o desenvolvimento do processo.

Os níveis estruturais da linguagem escrita podem explicar as diferenças individuais e os diferentes ritmos dos alunos. Segundo Ferreiro e Teberosky (1999), esses níveis são:

Na fase 1 - Início dessa construção, as tentativas das crianças dão-se no sentido da reprodução dos traços básicos da escrita com que elas se deparam no cotidiano. O que vale é a intenção, pois, embora o traçado seja semelhante, cada um "lê" em seus rabiscos aquilo que quis escrever. Desta maneira, cada um só pode interpretar a sua própria escrita, e não a dos outros. Nesta fase, a criança elabora a hipótese de que a escrita

dos nomes é proporcional ao tamanho do objeto ou ser a que está se referindo.

Na fase 2 - A hipótese central é de que para ler coisas diferentes é preciso usar formas diferentes. A criança procura combinar de várias maneiras as poucas formas de letras que é capaz de reproduzir. Nesta fase, ao tentar escrever, a criança respeita duas exigências básicas: a quantidade de letras (nunca inferior a três) e a variedade entre elas, (não podem ser repetidas).

Na fase 3 - Este nível está caracterizado pela tentativa de dar um valor sonoro a cada uma das letras que compõem a palavra. **Surge a chamada hipótese silábica**, isto é, cada grafia traçada corresponde a uma sílaba pronunciada, podendo ser usadas letras ou outro tipo de grafia. Há, neste momento, um conflito entre a hipótese silábica e a quantidade mínima de letras exigida para que a escrita possa ser lida. A criança, neste nível, trabalhando com a hipótese silábica, precisa usar duas formas gráficas para escrever palavras com duas sílabas, o que vai de encontro às suas ideias iniciais de que são necessários pelo menos três caracteres. Este conflito a faz caminhar para outra fase.

Na fase 4 - Ocorre, então, a transição da hipótese silábica para a alfabética. O conflito que se estabeleceu - entre uma exigência interna da própria criança (o número mínimo de grafias) e a realidade das formas que o meio lhe oferece, faz com que ela procure soluções. A criança começa, então, a perceber que escrever é representar progressivamente as partes sonoras das palavras, ainda que não o faça corretamente.

Na fase 5 - Finalmente, **é atingido o estágio da escrita alfabética**, pela compreensão de que a cada um dos caracteres da escrita corresponde valores menores que a sílaba, e que uma palavra, se tiver duas sílabas, exigindo, portanto, dois movimentos para ser pronunciada, necessitará mais do que duas letras para ser escrita e a existência de uma regra produtiva que lhes permite, a partir desses elementos simples, formar a representação de inúmeras sílabas, mesmo aquelas sobre as quais não se tenham exercitado.

Smolka (2008) refere que podemos entender o processo de aquisição da escrita pelas crianças sob diferentes pontos de vista: o ponto de vista mais comum onde a escrita é imutável e deve se seguir o modelo "correto" do adulto; o ponto de vista do trabalho de Emília Ferreiro onde escrita é um objeto de conhecimento, levando em conta as tentativas individuais infantis; e o ponto de vista da interação, o aspecto social da escrita, onde a alfabetização é um processo discursivo.

Tentativas frustrantes de emissão e recepção gráficas proficientes podem levar o

aluno a um Distúrbio de Leitura e Escrita, apresentando desde dificuldades no início do aprendizado escolar até trocas, inserções, aglutinações, segmentações e omissões, entre outras, de letras sílabas e palavras.

O distúrbio de aprendizagem é caracterizado por um desempenho substancialmente abaixo do esperado nas áreas de leitura, escrita e matemática, tendo em vista as medidas de inteligência e a educação apropriada para a idade. (AMERICAN, 1995 apud CAPELLINI, 2004)

Bandeira et al. (2006), ao avaliar 257 crianças do 1º ao 4º ano do ensino fundamental de duas escolas públicas e uma escola particular em uma cidade do interior de Minas Gerais revelou que as crianças de escola particular apresentaram melhores índices de aprendizagem do que as de escolas públicas.

Em virtude de a abordagem construtivista ser adotada pela maioria das escolas e pelo grande número de alunos com dificuldades de aprendizagem que são atendidos em clínicas fonoaudiológicas, o presente estudo teve por objetivo observar as fases de alfabetização de crianças do 1º ano do Ensino Fundamental, segundo a abordagem construtivista, em duas escolas (pública e privada) do município de Presidente Prudente. E, assim, após a comparação entre o número de alunos em cada fase e em cada escola, verificar a efetividade da abordagem construtivista na aquisição da alfabetização.

MÉTODOS

Trata-se de uma pesquisa exploratória, utilizando uma abordagem qualiquantitativa, de acordo com a classificação de Gil (2009).

Para a realização desta pesquisa foram selecionadas duas escolas, uma da rede pública e uma da rede privada, ambas no município de Presidente Prudente, estado de São Paulo. Fizeram parte do estudo estudantes do 1º ano do Ensino Fundamental, com idade entre 05 e 06 anos, no período de fevereiro a março de 2009.

Foram definidos como critérios de exclusão: crianças que estiverem ou tenham passado por atendimento fonoaudiológico, exceto casos de tratamento miofuncional exclusivamente, e crianças que apresentaram comprometimentos de natureza neurológica e/ou auditiva. Para esta caracterização foi enviado um questionário de múltipla escolha aos pais destes alunos a fim de obter tais informações.

A coleta de dados ocorreu somente após a aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Unoeste, sob protocolo Nº 109/08 e pela Coordenadoria Central de Pesquisa (CCPq), onde o projeto de pesquisa foi cadastrado sob Nº 181/08.

Os pais das crianças do estudo foram orientados sobre como seriam realizadas as avaliações e os procedimentos, bem como a finalidade do estudo. Após conhecimento dos procedimentos realizados e de sua finalidade, se de acordo com a participação, os pais assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), em duas vias, uma pertencente ao sujeito e outra aos pesquisadores que se comprometem a arquivá-lo por período não inferior a cinco anos.

O instrumento utilizado foi o ditado de palavras, a partir do qual se pôde verificar a fase de alfabetização de cada criança, segundo abordagem construtivista. As palavras incluídas nesse ditado representam aspectos do cotidiano do aluno e contém todos os fonemas necessários à avaliação realizada nesse trabalho. São elas: pai, bola, jipe, diretor, sorvete, casa, queimada, gulosa, futebol, vestido, sapato, zebra, chave, gema, macaco, noite, tatu, laranja e escola.

RESULTADOS

Seguindo os critérios de inclusão para coleta de dados, foram avaliadas 41 crianças, sendo 15 de uma Escola Particular (Escola A) e 26 de uma Escola Pública (Escola B). Todas as crianças têm entre 5 a 6 anos, faixa etária escolhida pelas idades comuns de crianças que cursam o 1º ano do Ensino Fundamental.

Foram entregues trinta TCLE para cada escola, num total de sessenta termos; No entanto, apenas 41 concordaram que seus filhos participassem da pesquisa.

Nos meses de fevereiro e março de 2009 foi realizado o ditado de palavras na Escola B, com todas as crianças ao mesmo tempo. Durante a aplicação do ditado algumas crianças estavam bastante agitadas, apresentando dificuldade em manter sua atenção na atividade. Após algum tempo foi possível prender a atenção das crianças e realizar o ditado.

Na Escola A, o ditado de palavras foi realizado com todas as crianças ao mesmo tempo, dentro da sala de aula sendo que, durante a aplicação do ditado, as crianças demonstraram estarem mais calmas do que na Escola B, sendo possível realizar a tarefa de forma mais rápida e tranquila.

A escrita dos ditados foi analisada por intermédio dos níveis estruturais da linguagem escrita que podem explicar as diferenças individuais e os diferentes ritmos dos alunos, com base na teoria de Ferreiro e Teberosky (1999).

De acordo com a análise dos ditados, obtivemos os seguintes resultados (**Tabela 1**):

Tabela 1. Níveis de alfabetização para cada escola

NÍVEL	ESCOLA A	ESCOLA B
1	2	5
2	0	12
3	1	3
4	4	1
5	8	5

Os resultados obtidos na **Tabela 1** são melhores compreendidos quando plotados num gráfico de colunas. A Figura 1 mostra a distribuição de alunos nos Níveis de alfabetização para a Escola A, e a figura 2, para a Escola B.

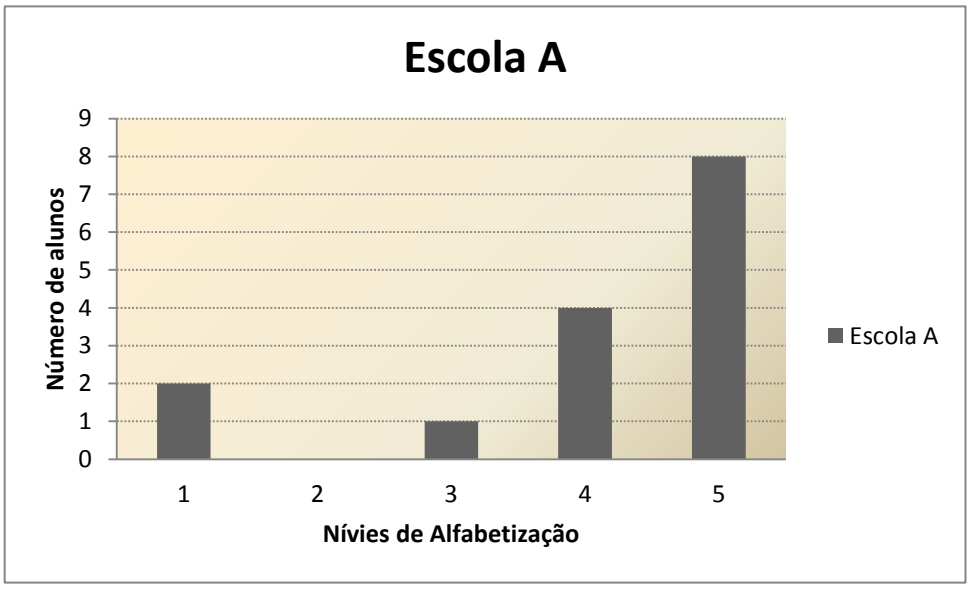


Figura 1. Distribuição da amostra na Escola A.

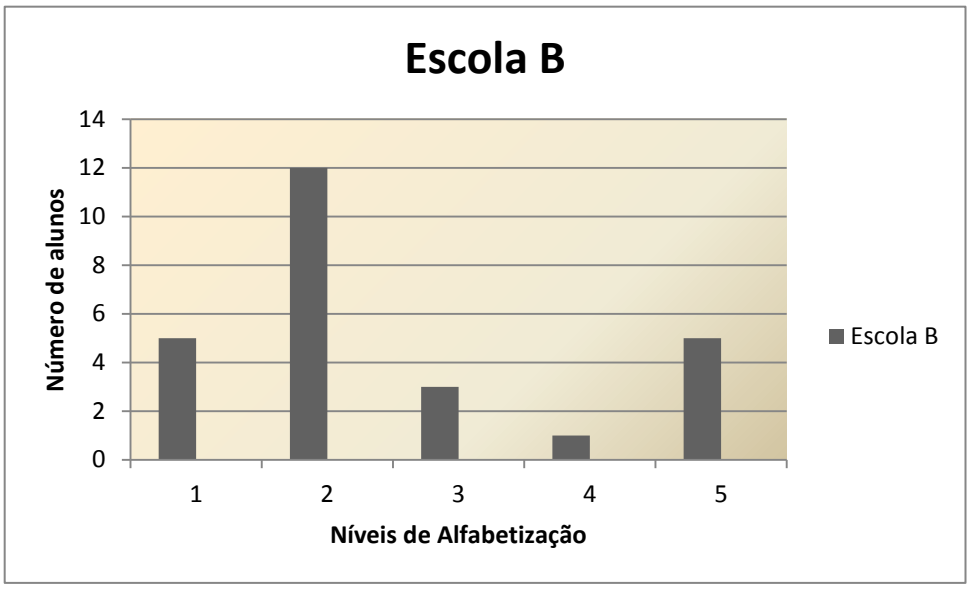


Figura 2. Distribuição da amostra na Escola B.

A fim de analisar os resultados obtidos com o maior rigor possível, realizou-se um estudo estatístico. Dadas as características da amostra, com dados não pareados e para a qual não se pode pressupor normalidade, aplicou-se o teste U de Wilcoxon-Mann-Whitney (teste da soma dos postos) para comparar os dois grupos (Escola A e Escola B) (FONTELLES, 2012). O teste resultou num p-valor de 0,0061 indicando, portanto que as diferenças existentes entre a escola A e a escola B com relação ao nível de alfabetização, durante o período estudado, são relevantes.

Optou-se por calcular uma média ponderada para cada escola, de modo a poder-se compará-las, já que as amostras tinham número de sujeitos diferentes. Assim, o nível médio de alfabetização de cada escola é dado na ***Tabela 2***.

Tabela 2. Nível de alfabetização médio do 1º ano em cada escola

Escola A	4,07
Escola B	2,58

DISCUSSÃO

De acordo com a *tabela 1 e 2* pode-se observar que as crianças da Escola A apresentaram níveis de alfabetização mais adiantados do que as crianças da Escola B, analisado no período do estudo e considerando que em determinado momento poderá haver uma estabilidade entre as duas escolas.

Comparando os gráficos das *Figuras 1 e 2*, é fácil verificar que a escola A obteve melhores resultados em todos os níveis de alfabetização, e não apenas na média. Assim, enquanto que a Escola A tem 77% dos alunos na Fase 4 e 5, a Escola B tem apenas 23% de seus alunos nessas mesmas fases.

Na fase 4, a criança abandona a hipótese silábica e descobre a necessidade de fazer uma análise que vá mais além da sílaba pelo conflito entre a hipótese silábica e a exigência de quantidade mínima de grafias e a realidade das formas que o meio lhe oferece, faz com que ela procure soluções. Ela então compreende que a escrita representa o som da fala, ainda que não escreva corretamente. Na fase 5 a criança finalmente atinge o estágio da fase alfabética, onde ela compreende que cada um dos caracteres da escrita corresponde a valores sonoros menores que a sílaba e realiza sistematicamente uma análise sonora dos fonemas das palavras que vai escrever. Entretanto, isto não quer dizer que todas as dificuldades tenham sido superadas (FERREIRO; TEBEROSKY, 1999).

Para a Escola B, verificou-se que cerca de 65% dos alunos do 1º ano estão na Fase 1 e 2, contra apenas 13% para a Escola A. Portanto, os alunos da escola A estão

apresentando um desenvolvimento superior do que os alunos da escola B

Ferreiro e Teberosky (1999) descrevem que, no Nível 1, a criança acredita que escrever é reproduzir os traços típicos da escrita que ela identifica como a forma básica da mesma, ou seja, elas supõem que a escrita é outra forma de desenhar e representar coisas, usando desenhos e rabiscos para escrever. E ainda, elas leem em seus rabiscos o que quiseram escrever. Elas elaboram a hipótese de que a escrita dos nomes é proporcional ao tamanho do objeto ou a pessoa que estão se referindo.

Já no Nível 2, de acordo com a mesma autora, as crianças pensam que para escrever e ler coisas diferentes, isto é, atribuir significados diferentes, deve haver uma diferença objetiva nas escritas. Assim, a criança nesta fase segue duas exigências básicas ao tentar escrever: a quantidade de caracteres e a variedade entre elas.

Portanto, o presente trabalho concorda com Bandeira et al. (2006), cujos resultados revelaram que os alunos das escolas particulares obtiveram um rendimento maior do que os alunos das escolas públicas.

A aplicação do teste estatístico da soma dos postos de Wilcoxon (onde se assumiu um nível de significância de 5%) corrobora a conclusão deste trabalho de que a diferença encontrada entre os resultados obtidos para a Escola A (Nível médio 4) e a Escola B (Nível médio entre 2 e 3) deve-se ao método de ensino utilizado em cada uma das escolas, uma vez que a Escola A utiliza o método construtivista e a Escola B não utiliza.

O construtivismo é uma postura de trabalho na qual o professor é um facilitador do processo de aprendizagem da criança, estabelecendo uma relação entre alguém que organiza e alguém que executa. Baseia-se em Piaget (1995) que estudou como a criança, nos diversos estágios, constrói seu conhecimento. Ele propõe que o aluno participe ativamente do próprio aprendizado, mediante a experimentação, a pesquisa em grupo, o estímulo à dúvida e o desenvolvimento do raciocínio e no momento da emissão gráfica, podem aglutinar, inserir, omitir letras, palavras, desde que façam algum sentido para elas. Para os seus idealizadores, os erros fazem parte do aprendizado: as crianças formulam hipóteses e cometem erros o que, na verdade, demonstra a construção da escrita, e que com o passar do tempo vão diminuindo e as crianças começam a se preocupar com outros aspectos da escrita, como a ortografia.

CONCLUSÃO

Por meio deste estudo, foi possível concluir que os alunos da escola particular (A) apresentaram um rendimento melhor do que os alunos da escola pública (B),

demonstrado por intermédio do nível de alfabetização igual a 4, em média, para e Escola A e entre 2 e 3, em média, para a Escola B. Pelos resultados obtidos foi possível observar que a escola A segue a abordagem construtivista em sua linha pedagógica de ensino. Porém deve-se salientar o acesso, ou a falta dele, que a criança tem à linguagem escrita e estimulações gráficas, sejam de leitura ou de escrita, fora do contexto escolar.

Pode-se concluir que as crianças dessa escola particular apresentam um desempenho para a aprendizagem da leitura e da escrita melhor que as crianças da escola pública avaliada, porém deve-se considerar a história de cada criança individualmente, além do período estudado, pois a partir do momento em que os alunos da escola B atingirem o nível de alfabetização 5, pode ocorrer uma estabilidade do desenvolvimento e aquisição da linguagem escrita entre os sujeitos estudados.

REFERÊNCIAS

BANDEIRA, M., R. et al.. . Competência acadêmica de crianças do Ensino Fundamental: características sociodemográficas e relação com habilidades sociais. **Interação em Psicologia,** v.10, n.1, p. 53-62, ago. 2006. Disponível em: http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/psicologia/article/view/5773/4209. Acesso em: 20 maio 2013.

CAPELLINI, S. A. Distúrbio de aprendizagem versus Dislexia. In: FERREIRA, L. P. **Tratado de fonoaudiologia**. São Paulo: Rocca, 2004.

FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

FERREIRO, E**. Reflexões sobre alfabetização.** São Paulo: Cortez, 2001.

FONTELLES, M.J. **Bioestatística aplicada à pesquisa experimental**. São Paulo: Livraria da Física, 2012. v.2.

FREIRE, P.; MACEDO, D. **Alfabetização:** leitura do mundo, leitura da palavra**.** 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

GIL, A.C. **Como elaborar Projetos de Pesquisa**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2009.

PIAGET, Jean. **Abstração reflexionante:** relações Lógico-Aritmética e Ordem das Relações Espaciais. Trad. Fernando Becker e Petronilha Beatriz G. da Silva. Porto Alegre: Artes Médicas,1995.

SMOLKA, A. L. B. **A criança na fase inicial da escrita**: A alfabetização como processo discursivo. 12. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

SOARES, M. B.. **Letramento:** um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

VYGOSTSKY, L. S. Formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

Recebido para publicação em 09/08/2012
Revisado em 12/11/2013
Aceito em 09/04/2014